

POETA DA CIDADE: O RECIFE NA POESIA DE CARLOS PENA FILHO

Júlio César Tavares Dias¹

RESUMO: A cidade é constructo humano, e como tal é uma paisagem cultural que se contrapõe à natureza. Habitar a cidade em que nasceu é uma relação que contribui para a estabilidade emocional. As mudanças ocorridas na paisagem urbana podem criar, então, certo mal-estar nos seus habitantes. Carlos Pena Filho, em tempos de modernização do Recife, sente a necessidade de escrever sobre a cidade que ele vê e sente. Seu relato parece ver na cidade de seu tempo a de outros tempos históricos. O resultado é o poema “Guia Prático da Cidade do Recife”. Para tanto, exploramos as relações entre Literatura, História e Geografia.

Palavras-chave: Geografia, História, literatura, cidade, literatura pernambucana.

ABSTRACT: The city is a human construction. So, it is a cultural space against Nature. To live in born city is a relation contributing to emotional stability. When alterations occur in city's space they can to create some indisposition in its dwellers. Carlos Pena Filho feels necessary to write about the city which he see and feels. His narration seems to see the city of others times in the city of his time. The result is one poem: “Practice Guide of City of Recife”. Our paper is, so, in relations among Literature, History and Geography.

Keywords: Geography, History, Literature, city, literature of Pernambuco.

1 Doutorando em Ciência da Religião pela UFJF. Bolsista CNPQ. Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP. Bacharel em Filosofia pela UFPE. Licenciado em Letras pela Universidade de Pernambuco – UPE. Professor da rede pública estadual de Pernambuco. Email: julioesartdias@hotmail.com

Primeiras Palavras

Na poesia de Carlos Pena Filho notam-se duas ordens diferentes de composição: a primeira de uma demanda estética associada a certa plasticidade da palavra, à sua natureza sensorial; a outra ordem está ligada aos espaços histórico, geográfico e cultural de sua cidade (MAIA, 2009, p. 1). Nesta segunda ordem o poeta assume um tom regionalista e popular “e comunica grande capacidade de representação, tanto da paisagem economicamente hostil do agreste nordestino, quanto da paisagem urbana do Recife e de Olinda” (MAIA, 2009, p. 5). A paisagem “economicamente hostil” está muito bem representada no poema Memórias do Boi Serapião, onde um boi personificado fala das agruras da seca. Já no que tange a “paisagem urbana do Recife e de Olinda”, esse tom aparece, principalmente, em Guia Prático da Cidade do Recife, livro que o poeta publicou em 1959, onde beleza geográfica e miséria social aparecem lado a lado.

Nos meados da década de 80 começavam no cenário brasileiro o estudo das cidades no discurso dos escritores. Isso se deve

sobretudo graças ao aparecimento de três livros fundamentais referentes a essa matéria: a tradução para o português, em 1982, da obra clássica de Lewis Mumford – *A cidade na história*: suas origens, transformações e perspectivas; a publicação de *La ciudad letrada* [A cidade letrada] do uruguaio Angel Rama (...); a divulgação de *Le città invisibili* [As cidades invisíveis], de Ítalo Calvino, publicada em 1972 e aqui traduzido somente em 1990 (MALARD, 2005, p. 9).

Em 1986, a revista Tempo Brasileiro lançou um número especial sobre o assunto. O interesse foi crescendo, e por isso hoje temos boa bibliografia sobre o assunto:

“Entre os vários livros contam-se o de Antonio Cândido (O discurso e as cidades – 1993), o de Beatriz Resende (Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos – 1993) e o de Renato Cordeiro Gomes (Todas as cidades, a cidade – 1994)” (MALARD, 2005, p. 10).

Considerando o dito, nosso tema não é recente, mas consideramos que, a despeito disso, ele ainda chama o interesse. Dividimos nossas palavras seguintes em três partes: a primeira, O Poeta da Cidade, é onde fazemos uma apresentação do

poeta; a segunda, A Cidade do Poeta, mais extensa, é onde discorreremos sobre a cidade como lugar de memória e sentimento; a terceira, A Poesia do Poeta, a Poesia da Cidade, discorreremos sobre a cidade do Recife na obra de Pena Filho, *Guia Prático da Cidade do Recife*. Por fim, as nossas considerações finais giram em torno do contato entre Geografia, História e Literatura.

O Poeta da Cidade

Nosso poeta, Carlos Pena Filho (Recife, 17 de maio de 1929 — Recife, 1 de julho de 1960), era filho de portugueses, por isso, embora tendo nascido em Recife, iniciou seus estudos em Portugal, voltando, seus primeiros poemas aparecem no Diário de Pernambuco, publicados pelo poeta Mauro Mota. Edilberto Coutinho (1983, p. 8) nos faz uma descrição do poeta e amigo:

De 1 metro e 69 centímetros de altura. De olhos castanhos. De cabelos castanho-ondeados. Tudo conforme os dados de sua carteira de identidade, emitida pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco. No Recife, em 15 de janeiro de 1953. Ano seguinte ao da estréia em livro, com O tempo da busca (Recife, Edição Região, 1952). Duas fotos 3x4 também datadas de 15.01.53. Frente e perfil. Rosto magro de bigodes finos. Registro civil número 352.230. Impressão do polegar direito. Não consta o dado principal: poeta.

Não menos interessante é a descrição que o próprio poeta faz de si:

Entrara inconscientemente no mundo do absurdo. Tudo era favorável a inventos e saltos... Só mais tarde teve conhecimento de tudo e viu que as palavras eram deliciosos jogos para adultos. Hoje é um fabricante de brinquedos. Mas tudo sem conseqüências nem circunstâncias. E sobretudo impropriedades. Tanto que pôs um aviso em todos eles: estes brinquedos não foram feitos, de maneira alguma, para pessoas que possuam velhos paletós azuis cheirando a maçãs, ou coisas presas atrás de pianos e livros. (PENA FILHO, 1959. p. 89).

Poeta, um fabricante de brinquedos como se considerava no prefácio que escreveu para seu livro *Tempo da Busca*. "Escrevo esse nome, e estou certo de que o inscrevo na eternidade. Pois me parece impossível que as presentes e as futuras gerações esqueçam o poeta encantador, tão cedo e tão tragicamente desaparecido",

dele disse Manuel Bandeira (*apud* MACHADO), como que num arroubo de admiração.

Nunca rompera de vez com a Geração de 45, ficando o soneto como sua forma preferida de expressão, escreveu *metasonetos*, sonetos onde discorre sobre o soneto e seu processo de criação.

Para César Leal (2005, p. 378), “o seu credo artístico se definia por completo no breve prefácio que escreveu para o seu livro de estréia: *O Tempo da Busca*”. Mas, esse prefácio é um prefácio estranho, trata-se de uma prosa poética onde parece lembrar a infância e onde aparece a figura do pai como um jogador de cartas e da mãe equilibrando orçamentos, após voltar a infância reconhece “que as palavras eram deliciosos divertimentos para adultos”, e a si mesmo como fabricante de brinquedos, e no final avisa que “estes brinquedos não foram feitos, de maneira alguma, para pessoas que possuam velhos paletós azuis cheirando a maçãs, ou coisas presas atrás de pianos e livros”.

Mas vemos na sua poesia mais que meros brinquedos, podendo desvendar, como fez J. Gonçalves de Oliveira no Estudo-Introdução que escreveu para o Livro Geral, profundezas da Natureza Humana e da Natureza Estética.

Na verdade, não é do domínio do poeta todos os domínios da poesia, competindo ao poeta escrever, não criar conceitos. Numa noite, saindo do jornal, o poeta pegou uma carona com um amigo. O carro se chocou com um ônibus. Os amigos fizeram vigílias. Foi difícil aceitar a morte do poeta da Cidade. Morreu aos 31 anos. No soneto *Testamento do Homem Sensato*, último a ser publicado antes de sua morte, escrevia: *Foi mais que longa a vida que eu vivi,/ para ser em lembranças prolongada*. No entanto, sua vida foi curta demais, em relação a sua poesia enorme!

A Cidade do Poeta

A cidade é lugar de memória, unindo passado e presente. Os espaços geográficos têm memória, sendo o acervo cultural de gerações. Mas, com o crescimento da cidade é possível que se rompa esse fio de Ariadne, que é a memória coletiva. Ferreira Gullar (*apud* TÁVORA, 2004, p. 36), que imaginou a cidade de Ufu, fala dela como se tornando uma megalópole, uma cidade que a medida que vai crescendo vai engolindo outras cidades, urbefágica, e a consequência desse crescimento contínuo e acelerado é a perda da memória:

É verdade que, dado o crescimento da cidade, os serviços do museu estão quase integralmente voltados para a tarefa impossível de registrar seu presente velocíssimo: aparelhos eletrônicos trabalham sem cessar fotografando documentos novos, computando dados e buscando uma ordem capaz de guardar vestígios materiais da História, que voa alucinadamente para o olvido.

Não só o corpo que habita o espaço, o homem também o habita com o seu coração. Assim, habitar uma casa antiga é como que também ser habitado por ela, por sua história e pela dos que habitaram nela antes. Habitando lugares os homens transformam espaços em ambiente. A chegada da modernidade, porém, mudou a forma do homem se relacionar com os seus espaços: "A modernidade criou as máquinas e essa velocidade. As cidades tornaram-se cada vez maiores; os deslocamentos, cada vez mais longos. Daí, a necessidade de transporte também cada vez mais veloz." (TÁVORA, 2004, p. 43). A consequência é uma mudança de olhar, quanto mais rápido passamos menos olhamos as coisas, menos elas nos falam de suas origens e significados.

A angústia moderna, então, em parte "advém da ruptura com o passado, do esvanecimento da memória, da incapacidade do indivíduo moderno se situar num mundo globalizado, hegemônico" (TÁVORA, 2004, p. 43). A cidade e a identidade, quer coletiva ou individual, constroem-se mutuamente, como se, nas palavras de Bachelard, "habitar fosse ser" (*apud* TÁVORA, 2004, p. 48). O homem habita sentimentalmente o espaço, por isso,

Cada ser humano possui um mundo somente seu, em contraponto ao mundo único, objetivo das ciências positivistas. (...) As experiências nos locais de habitação (...) transformam os espaços em lugares, carregam em si conhecimento, poesia, emoção, sensação de paz e segurança dos indivíduos que estão entre os seus, têm uma conotação de pertinência por pertencer à pessoa e esta a ele, o que confere uma identidade mútua, particular aos indivíduos. (...) *O lugar é o lar*, insistem os geógrafos humanísticos. (...) Desta forma, espaço e lugar são categorias distintas. Cada qual com suas individualidades e singularidades. (...) A cidade pode ser entendida, em uma análise simples, como um símbolo de união e conagração. (LINS, 2003, p. 20-21)

Habitar a cidade é *poeticamente que o homem habita* (Ladrière *apud* LINS, 2003, p. 17). Na primeira metade do século XX, o Recife passou por várias reformas urbanísticas, gerando comoção em setores da sociedade; comoção que povoou jornais da época, onde poetas, cronistas, urbanistas escreveram criticando tais mudanças sem seguir critério nenhum.

Nos anos 20 protagonistas da polêmica entre passado e modernidade foram Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa. O primeiro defendia a tradição e o regionalismo, o segundo estava do lado dos modernistas cariocas e paulistas. "A orfandade provocada pela destruição inapelável de monumentos tão antigos quanto caros aos pernambucanos, reacendeu a polêmica, realimentada pelos debates Freyre x Inojosa" (TÁVORA 2004, p. 70).

Carlos Pena Filho passou a infância na casa dos avós em Portugal, de volta ao Recife, em meio àquelas "desedificações", responde à necessidade de escrever sobre a cidade que vê e percebe, "como uma busca de auto-identificação, como uma tentativa de se reconhecer entre aquelas edificações, ou melhor, "desedificações"" (TÁVORA, 2004, p. 72).

A Poesia do Poeta, A Poesia da Cidade

Recife, capital de Pernambuco, e a cidade de maior densidade populacional do Nordeste, falada por sua economia e sua história, mas, sobretudo decantada pelos seus poetas: João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardoso, Manuel Bandeira e Carlos Pena Filho. Conforme Melard (2005, p. 37): "Paris se torna, quem sabe pela primeira vez, objeto da poesia lírica graças a Baudelaire. A partir daí, e não raro sob a influência do poeta francês, o lirismo tomará cidades como tema, vinculando-a a outros temas também de caráter lírico".

É nessa linha, tão bem representada por Baudelaire que nosso poeta em questão se insere. "Numa parte referencial da sua obra poética, Carlos Pena Filho (1929-1960) tomou como referente o Recife, a cidade que habitou" (SARMENTO, 2002, p. 35). O Livro Geral (1959) termina com o longo poema até então inédito: Guia Prático da Cidade do Recife. Carlos Pena Filho se torna, então, representativo da cidade, objeto de várias homenagens, inclusive um busto no Parque 13 de Maio. Pena Filho foi um dos principais representantes do Imagismo, definido por Gilberto Freyre pelo "cultivo do soneto, do metro de dez sílabas, que é o metro erudito, por

excelência, por uma linguagem elevada, e *pelo esquecimento do Brasil e dos temas brasileiros*, temas estes muito cultivados pela anterior geração modernista" (apud TÁVORA, 2004, p. 27, grifo nosso).

Porém, a partir do poema Memórias do Boi Serapião, publicado em 1956, há uma nova fase na poesia de Carlos Pena Filho: "... a partir das *Memórias do Boi Serapião*, é marcado pela presença de uma substância menos "pura"(...) As *Memórias do Boi Serapião* assinalam o início desse novo período; uma nova tentativa de saída para o mundo" (LEAL, 2005, p. 364). Assim, temos em Guia Prático da Cidade do Recife uma preocupação social. O poeta da cor se *lembra* de dar à sua poesia uma cor local.

No Guia Prático não vemos essa *linguagem elevada*, mas "Carlos Pena Filho que pode ser em tantos momentos raro e quintessenciado, soube, nos temas da terra natal, apoiar-se firmemente nos metros e no estilo do povo" (Manuel Bandeira apud SARMENTO, 2002, p. 35). Trata-se de um poema de XIII cantos, 356 versos que se distribuem em estrofes de tamanho irregular e em várias subpartes que "marcam, entre outros, limites temporais, geográficos, econômicos e éticos" (SARMENTO, 2002, p. 35). Aborda a invasão holandesa e as suas consequências, inclusive a formação da gente "recifense". Por um lado, esse título

aponta para a reunião de um conjunto de orientações sistemáticas sobre a cidade. Porém, é possível tomar o "guia", não como uma publicação, mas como uma pessoa capaz de fornecer informações sobre a sua cidade, enquanto habitante, enquanto alguém que dela tem conhecimento ou "prática" (...) o enunciador do "Guia Prático da Cidade do Recife" evoca da sua cidade tempos, figuras e espaços através de uma lógica associativa que reproduz o mecanismo da memória. O guia fornecido por Carlos Pena Filho desconcertaria o leitor que empiricamente tentasse seguir as indicações fornecidas pelos topônimos, pois mais do que apresentar um percurso fisicamente válido, o sujeito poético vai seguindo o fluxo do pensamento, num processo de sucessivas associações mentais e discursivas (SARMENTO, 2002, p. 40-41).

O poema pode ser considerado memorialista, evocando lembranças e impressões do Recife de ontem contrastando-o com o Recife de agora. N'Ó Fim, esse contraste mostra o Recife como decadente:

Recife, cruel cidade
águia sangrenta, leão.
Ingrata para os da terra,
boa para os que não são.
Amiga dos que a maltratam,
inimiga dos que não,
este é o teu retrato feito
com tintas do teu verão
e desmaiadas lembranças
do tempo em que também eras
noiva da revolução.

Para Lins (2003, p. 37), Carlos Pena Filho é o flâneur do Recife. Flâneur é o andarilho vagante pelas cidades, na busca do que a cidade oferece, e vagueando ele constrói “Uma descrição que desvelava uma realidade do Recife, uma visão própria, de alguém que não apenas conhecia a cidade, mas através da poesia aprofundava sua visão sobre as outras possibilidades deste espaço que foi marcante na sua vida pessoa (sic) e na sua poesia” (LINS, 2003, p. 37-38). O resultado é um canto ao passado de glória, ao sonho possível, às origens do Recife:

No ponto onde o mar se extingue
E as areias se levantam
Cavaram seus alicerces
Na surda sombra da terra
E levantaram seus muros
Do frio sono das pedras.
Depois armaram seus flancos:
Trinta bandeiras azuis
Plantadas no litoral.
Hoje, serena, flutua
Metade roubada ao mar,
Metade à imaginação,
Pois é do sonho dos homens
Que uma cidade se inventa.

Ora, observara já Aristóteles (2004, p. 43) na sua Poética, que ao poeta não cabe o dever de contar como as coisas foram, mas como poderiam ter sido. Assim, o que interessa não é saber se a representação que Carlos Pena Filho faz do passado pode ser comprovado pela pesquisa histórica, mas como o eu-lírico encara o passado, como que numa desilusão com o presente. Letícia Malard lembra que:

Apesar de ser hoje ponto pacífico nos estudos literários que Memória, História e Ficção não se confundem, antes se completam, a dicção poética dessas experiências, é uma

transparência do mundo interior do poeta, retroprojetando na tela os fatos de sua história individual (MALARD, 2005, p. 11).

Isso é bem verdade sobre Carlos Pena Filho, pois vemos em sua poesia um canto de desencanto perante as "desedificações" que passa o Recife, como falamos, no seu empenho de 'modernização'. Movido por esse desencanto, é que o poeta vai se apegar ao passado como um passado de 'glória', talvez mais imaginária do que real. Parece que diferente de Platão que na República² tentava criar a imagem de uma cidade ideal que representasse a justiça, Carlos Pena Filho cria uma cidade não ideal³, que representava a degenerescência de si mesma.

Em poucos versos, o poeta faz uma descrição tanto do erguimento da cidade como de sua geografia. Com a chegada de Maurício de Nassau (1637), denominado pelo poeta de "argonauta do improviso", começou o processo de urbanização da cidade. Mesmo após a expulsão dos holandeses ficaram as marcas da presença deles, lembradas nos versos:

Chegou, tranqüilo e exato,
O argonauta do improviso,
Trazendo o sol na cabeça
E o mar no fundo dos olhos
(...)
Mas, depois de algumas bulhas
Com o português cristão
E alguns segredos de amor
Com as donzelas de então,
Escorraçado voltou
(...)
Esse tempo, há muito gasto,
Resiste apenas, agora,
Em feriados de escola
(...)

²Ver principalmente 369 a-e.

³ Benedetto Croce haveria dito que "toda história é contemporânea" (apud BARROS, 2010, p. 3), com isso querendo dizer que sempre é um presente que cria um passado. O passado é sempre passado do Presente, ou seja, pensamos o passado sempre conforme a cosmovisão do tempo em que vivemos, não estando nós sempre percebidos das ideologias que nos norteiam.

O primeiro núcleo urbano, o bairro do Recife, impulsionou o crescimento da cidade com o comércio de açúcar, mas, como atestam os versos seguintes, o Recife foi crescendo em várias direções:

O BAIRRO DO RECIFE

Ali é que é o Recife
Mais propriamente chamado
Com seu pecado diurno
E o seu noturno pecado,
Mas tudo muito tranqüilo,
Serenos e equilibrados.

(...)

Esse é o bairro do Recife
Que tem um cais debruçado
Nas verdes águas do Atlântico
E ainda tem o cais do Apolo,
Apodrecido e romântico.

A PRAIA

Mas não é só junto ao rio
Que o Recife está plantado,
Hoje a cidade se estende
Por sítios nunca pensados,
Dos subúrbios coloridos
Aos horizontes molhados.

Justamente na subparte A PRAIA há uma descrição-denúncia da miséria em que muitos vivem, mostrando que a cidade tem também seus bolsões de pobreza:

Horizontes onde habitam
Homens de pouco falar,
(...)
Que comem fel de crustáceos
E que vivem do precário
Desequilíbrio dos peixes.
Nesse lugar, as mulheres
Cultivam brancos silêncios
E nas ausências mais longas,
Pousam os olhos no chão,
Saem do fundo da noite,
Tiram a angústia do bolso
E a contemplam na mão.

Também as igrejas são lembradas. Elas que estão presentes na vida do povo, marcando ciclos importantes, pois nelas se celebra a chegada da vida (batizado), casamentos, crisma, e cerimônias fúnebres. Reconhecendo que “Não é que somente em luas,/ O Recife farto seja;/ É farto, também de igrejas.”, o poeta segue lembrando várias delas. Mas não é por serem santos que os recifenses têm tantas igrejas, antes por serem pecadores:

Mas não é só; o Recife
Ainda tem muitas igrejas
Lavando os pecados seus.

Convém notar também, como fez Ângela Sarmiento (2002), uma certa visão negativa que Carlos Pena Filho mantém dos portugueses. No poema o “português cristão” é contrastado com a figura de Maurício de Nassau, pintado com “o sol na cabeça e o mar no fundo dos olhos”, aliás responsável pelo início da modernização da capital. Na descrição que faz do bairro São José, o português aparece novamente, como “classe média arruinada, mas de gravata”, e o bairro é definido como

Bairro português que outrora
Foi de viver e poupar,
Nascer, crescer e casar
Naquela igreja chamada
São José do Ribamar.

Já na secção Secos & Molhados, o português aparece como inculto, ganancioso e avarento, sendo que até suas orações visam, numa alusão a Nau Catrineta⁴, aumentar os rendimentos, e as repostas a ela são a da esperteza e do ludibrio:

“Sobe, sobe, meu gajeiro,
Naquele mastro real,
Vê se descobre um meio
De aumentar meu capital”
“Vendendo carne de charque
Importando bacalhau
Dizendo que prata é ouro

⁴ É um poema anónimo romanceado de tradição oral que Almeida Garret incluiu no seu Romanceiro. Narra as desventuras de uma tripulação durante uma viagem marítima. O poema provavelmente foi inspirado na viagem de Jorge de Albuquerque Coelho de Olinda até Lisboa.

E latão é bom metal.
É assim que vivemos desde
Pedro Álvares Cabral”.

A referência a Cabral relembra todo o passado de exploração e colonização das terras brasileiras por Portugal. Temos para nós que o contraste que se faz entre Nassau e o português cristão reflete outra própria da época: a tensão entre tradição e modernidade.

Considerações Finais

Terry Eagleton considerou: "A diferença entre a ciência e a arte não consiste em tratarem objetos diferentes, mas sim em tratarem o mesmo objeto de diferentes maneiras" (*apud* BACCEGA, 2007, p. 80). Muito se fala em interdisciplinaridade, sendo que, embora já vejamos abordagens da Literatura junto a outras ciências humanas, pouco se tem explorado as relações entre Geografia e Literatura. Essa abordagem, no entanto, é possível, partindo-se da Geografia humanística. Este ramo da Geografia

Objetiva interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar. Parte-se do princípio de que há uma disparidade entre a visão do especialista (geógrafo) e a visão das pessoas das regiões por ele pesquisadas. (...) a Geografia Humanística defende uma maneira diferente de se pesquisar o espaço e o lugar, longe da verdade única dominada pelas teorias que “explicam o mundo” (...) A Geografia Humanística, rompendo com o tradicionalismo, interessa-se, pode-se assim dizer, as questões vinculadas ao conceito de pós-modernismo. (...) O surgimento da perspectiva humanística, ocorre no início dos anos 70, quando alguns geógrafos, desencantados com uma geografia sem homens, começam a buscar nas filosofias dos significados as respostas para suas angústias e caminhos para o rompimento com o positivismo e o novo positivismo predominantes na ciência geográfica. (...) Entretanto, é somente em 1976 que o termo Geografia Humanística (...) é reconhecido. (...) É consenso entre os geógrafos humanísticos a relevância dos estudos literários. (LINS, 2003, p. 15-18)

Do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan vem o conceito de topofilia, “ou seja, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (LINS, 2003, p. 11). Para ele,

A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornece informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos (...) os escritores têm alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo. (...) Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar (*apud* LINS, 2003, p. 12).

Para Tuan, “A literatura contempla dois conceitos básicos da Geografia: o espaço e o tempo” (*apud* LINS, 2003, p. 15). A leitura que fizemos da obra de Carlos Pena Filho considerou estes conceitos e essa aproximação entre ramos diferentes do saber. Acreditamos, então, que lançar mão de uma abordagem geográfico-literária contribui para uma leitura da obra que faça emergir potencialidades que de outra forma continuariam submersas. Acreditamos também que a interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura contribui tanto para o ensino da Literatura quanto da Geografia.

Quanto às relações entre História e Literatura, vale relembrar as palavras de Aristóteles:

O historiador e o poeta não se distinguem um do outro, pelo fato de o primeiro escrever em prosa e o segundo em verso (pois, se a obra de Heródoto houvesse sido composta em verso, nem por isso deixaria de ser obra de história, figurando ou não o metro nela). Diferem entre si, porque um escreveu o que aconteceu e o outro o que poderia ter acontecido. Por tal motivo a poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a história, porque a poesia permanece no universal e a história estuda apenas o particular (ARISTÓTELES, 2004, p. 43)

As relações entre história e literatura, podemos de cara depreender, são já muito antigas, porém, têm se intensificado, graças, principalmente, a “Crise dos Referentes” na História, por um lado, e à “volta do autor”⁵, por outro. A “crise dos referentes”⁶ envolve principalmente as discussões sobre “história e ficção” e do “Ceticismo Historiográfico” (ver BARROS, 2010, p. 1, 2).

5 Roland Barthes havia anunciado a “morte do autor”, desacreditando qualquer crítica de natureza biográfica, mas hoje ele próprio tem outra opinião.

6 “A Crise dos Referentes – ou seja, a idéia de que a história dificilmente poderia apreender algo de significativo ou mais preciso da realidade histórica vivida, e que, no limite, a historiografia constituiria ficção – veio a configurar um complexo âmbito de polêmicas nas décadas recentes” (BARROS, 2010, p. 2,3).

Ambas às vezes se interpenetram, a História pode ser narrada pela Literatura, a Literatura é escrita dentro da História. Estudamos História para compreender a Literatura e seus autores, estuda-se Literatura como um “documento” da História:

As ambigüidades são muitas e se interpenetram: a História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História: a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais (BARROS, 2010, p. 2).

Podemos fazer uma História da Literatura, como também, é possível fazer da História Literatura. É o que nos fez Carlos Pena Filho, em sua exposição literária tanto da geografia como da história da cidade do Recife.

Referências

ARISTÓTELES. **Arte Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e Discurso: história e literatura**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

BARROS, José d'Assunção. HISTÓRIA E LITERATURA – novas relações para os novos tempos. **Revista de Artes e Humanidades**, n. 6, maio-out. 2010. Disponível em: <www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf> Acesso em: 10/11/2011.

COUTINHO, Edilberto. (org.). **Os Melhores Poemas de Carlos Pena Filho**. / seleção de Edilberto Coutinho. São Paulo: Global, 1983.

FILHO, Carlos Pena. **Livro Geral**. Recife: UFPE, 1969.

LEAL, César. Carlos Pena Filho. In: **Dimensões Temporais na Poesia & Outros Ensaios**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Infraero, 2005. p. 361-378.

LINS, Juarez Nogueira. **Geografia e Literatura: uma leitura interdisciplinar do Recife através da poesia de Manoel Bandeira, Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto**. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2003.

MACHADO, Carlos. **Carlos Pena Filho**. In: <<http://www.poesia.net>> Acesso: 15/10/2010.

MAIA, José Alexandre Ferreira. A Busca do Tempo no Tempo da Busca: Tensões Estéticas e Ideológicas em Carlos Pena Filho. **Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística**. Ano II, Nº 2, Dezembro de 2009. Disponível: <<http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2->

[Volume2/especial-destaques/destaques-literatura/A-Busca-do-Tempo-no-Tempo-da-Busca.pdf](#)> Acesso em: 15/10/2010.

MALARD, Letícia. **No Vasto Mundo de Drummond**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. 11 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=0Pn4qAZ-QyoC&printsec=frontcover&dq=dicion%C3%A1rio+de+termos+liter%C3%A1rios&hl=pt-BR&ei=3ku5TseHGeSCsgK2t-WwCA&sa=X&oi=book_result&ct=book_thumbnail&resnum=1&ved=0CDYQ6wEwAA#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 08/11/2011.

PLATÃO. **A República**. 12 ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

SARMENTO, Ângela. Ecos da poesia portuguesa na poesia de Carlos Pena Filho. **Revista do Centro de Estudos Brasileiros**. Terceira Margem. Faculdade da Universidade do Porto, 2002, n. 3. p. 35-43. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7405.pdf>> Acessado em: 15/10/2010.

TÁVORA, Maria das Vitórias Mattoso. **É Do Sonho Dos Homens Que Uma Cidade Se Inventa**: a poesia de Carlos Pena Filho. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 2004.

Recebido: 16/02/2014.

Aceito: 10/06/2014.

